

DIRECTOR:
Arthur Bivar

REDAÇÃO:
Rua da Republica
Casa N.º 14 — Guimarães

PROPRIETARIO:
MINHO GRAFICO.

VOZ DE GUIMARÃES

Semanario Regionalista

ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO:
Tipografia do «Diário do Minho»

ADMINISTRADOR E EDITOR:
Luiz Gonzaga Pereira
Rua da Republica
GUIMARÃES

A «Voz» e os «Ecos de Guimarães»

Reapareceu no dia 15 do corrente em Guimarães o jornal monarquico *Ecos de Guimarães*. E sem nos dar tempo a saudar pelo seu reaparecimento, atira-nos esta pedrada.

Regionalismo

Era há pouco tempo um termo de luxo! Apoderou-se agora dele uma empresa qualquer ali da cidade dos Arcebispos e o regionalismo passou a ser empregado a torto e a direito e a propósito de tudo e de nada: Tudo é modo de ganhar a vida! Como se em Portugal houvesse o regionalismo no sentido em que o querem empregar! Ora adeus!

Estamos a ver que o regionalismo é uma capa em que se embrulham os amarelos em politica! E há tantos nos tempos que correm.

No dia da Monarquia, passamos a dizer que sempre foram monarquicos! O ribeiroide de Braga é disso exemplo!

O garoto que atirou a pedra, escondendo a mão, visava a Voz.

A Voz é um dos seis semanarios regionalistas dos 22 que estamos preparando para começarmos a fazer ouvir a voz do Minho, voz liberta de facciosismos politicos, que pugne por tudo quanto se pode e deve reclamar sem ser preciso estar á espera que se restaure a monarquia.

A pedra visava-nos. Aquela *Empresa qualquer* é a empresa editora Minho Grafico. Os amarelos em politica somos nós. O ribeiroide é o sr. José Constantino Ribeiro Coelho, um dos mais dedicados trabalhadores da obra que estamos ainda criando em todo o Minho.

Não ha duvida portanto. Formos agredidos. Os *Ecos* querem festa; pois vão ter festa rija. Começemos e vamos por partes.

Que o regionalismo era há pouco tempo um termo de luxo! Apoderou-se agora dele uma empresa qualquer... etc.

Aqui ha supina ignorancia do garoto que atirou a pedra. O regionalismo, cá em Portugal, como fora, é um producto da evolução dos povos escaldados com a experiencia do centralismo, e manifesta-se em varios aspectos da vida do povo. Cá, pressentiu-o Herculano quando já no seu tempo escreveu:

«Interrogado acerca do lenitivo que supunha possível para os males que presenciava, indiquei sempre, não como remedio definitivo, mas como preparação para ele, como instrumentos de uma reforma futura, a eleição exclusivamente local e os esforços constantes para obter, contra o interesse das facções, dos partidos e dos governos, a redução dos grandes circulos a circulos de eleição singular, que um dia pousam servir á restauração da vida municipal, da expressão verdadeira da vida publica do país, e de garantia da descentralização administrativa, como a descentralização administrativa é a garantia da liberdade real.

Fortes tendencias para a eleição da localidade se manifestam já por muitas partes, e os governos e as parcialidades vêem-se contrangidos a transigir, com esse instincto salvador. Se não me é licito gloriar-me de ter contribuido para ele se desenvolver, ser-me-ha licito, ao menos, aplaudi-lo. E' o primeiro passo dado no caminho do verdadeiro progresso social; cumpre não recuar.»

O regionalismo é portanto uma reacção contra o mal que mata o paiz, mal que a monarquia miseravelmente comanda e atraindo em 1910 levou ao auge. E p'go esse crime de lesa-nação, porque o centralismo manifestou-se no 5 de outubro: uma revolução em Lisboa... e alguns telegramas para a provincia, bastaram para aniquilar

trono de oito seculos. Porque a monarquia, como Herculano via, não era regionalista; o que havia era a politicagem infrene em Lisboa com sucursaes nos varios caticados da provincia. Partidos e jornaes monarchicos que se apresentam a advogar a restauração de semelhante monarquia estão irremediavelmente condenados. O paiz já experimentou e não gostou e não os atura. E se não, veremos.

O garoto diz que a Empresa Minho Grafico se apoderou agora do regionalismo. Mais ignorancia no caso. Antes de nascer a Empresa, já quem a fundou era regionalista, já o regionalismo era advogado pelos integralistas, por alguns republicanos e até por alguns manuelistas que sentem faltar-lhes o terreno, precisamente porque o povo está despertando e infelizmente quem o acorda, enquanto os monarchicos e os republicanos se digladiam e intrigam!—são os extremistas, inimigos da ordem social. O povo está despertando e de modo nenhum quer a monarquia á 1910, com Senhor dos Navegantes e tudo.

Diz mais o garoto da pedrada que tudo é modo de ganhar a vida. Os directores e fundadores do Minho Grafico trabalham todos gratuitamente, o que não sucede com os que *desmamados* em 1910 pela Republica misturam muito apetite ao entusiasmo com que dão vivas á Monarquia, ansiosos por chegar-se de novo ao ubere perdido ha 11 anos.

Num arranço de logica acrescenta o garoto: «Como se em Portugal houvesse o regionalismo no sentido em que o querem empregar!» Não se percebe bem o que seja «empregar» o regionalismo. O que é de cabo de esquadra no garoto é a farça da argumentação. Fica a gente sabendo que só se pugna por uma coisa, quando já existe! Precisamente porque o regionalismo, tal como o queremos, não existe cá, mas queremos-lo, é que estão surgindo órgãos e organizações regionalistas em varias provincias, como o Minho Grafico, o *Alentejo* o futuro *Diário de Coimbra*, etc.

Estamos a ver, prossegue o garoto, que o regionalismo é uma capa em que se embrulham os amarelos em politica! E ha tantos nos tempos que correm...

Resposta: Temos visto que o monarchismo é uma capa em que se embrulham os amarelos em catholicismo! E ha tantos nos tempos que correm...

Mas como este já vai longe, e o ataque do garoto é a primeira manifestação dum mal profundo que está pedindo uma intervenção cirurgica impiedosa e decisiva, para a semana falaremos.

Fomos provocados. Agora iremos até ao fim, deixando as responsabilidades a quem lançou a primeira pedra.

Quisemos paz e declaram-nos guerra.

Vejo á frente dos *Ecos de Guimarães*, como director, o sr. João Luis Caldas, que podou como excrecencia inutil e talvez incomoda, a designação de *Padre*. Antes de responder devidamente á provocação desejo saber se este senhor Padre Caldas escreveu ou autorizou aquele ataque.

Seja, porem, como fôr, estamos frente a frente, os *Ecos* dirigidos por um padre, que oculta essa qualidade e a Voz dirigida por um leigo que ha 20 anos nunca occultou, nem a sua qualidade de católico, nem as suas indestructiveis convicções monarchicas, tendo por umas e outras sofrido prisões e exilios.

Arthur Bivar

CENTRO CATHOLICO PORTUGEZ

Nota dos candidatos até hoje apresentados para as eleições que se realizam domingo 29 do corrente, na Archidiocese de Braga:

DEPUTADOS

Vianna do Castello: Dr. Henrique Weiss de Oliveira
Ponte do Lima: Dr. D. Antonio Pereira Forjaz
Braga: Dr. Antonio Lino Netto
Guimarães: João de Paiva de Faria Leite Brandão
Villa Real: Pedro Antonio Alvares, coronel de engenharia

SENADORES

Vianna do Castello: Conego Manoel Anaquim
Braga: Dr. João Maria da Cunha Barbosa
Villa Real: P.º Antonio José da Silva Gonçalves.

PALESTRAS AGRICOLAS

Não corre de feição para a agricultura este inverno soalheiro e risonho. Dir-se-ia que o outono de 1921, namorado dos alegres manhas de sol, se deixou ficar por cá á espera da Primavera que não tarda aí.

Entretanto vão-se mirrando, á mingoa de humidade, os magros pastos dos campos lavrados deixados de *velho* para a cultura dos milhos temporários; e das nascentes, que nesta epoca do ano costumam ser já mananciais abundantes, não corre um fio de agua sequer, tão necessario agora para abrigar, das geadas, a erva molar e o azevém dos prados de lima e régua.

O gado anda abatido de carnes, os ossos a furarem-lhe a pele ruiva, seus grandes olhos melancolicos fitando, alheios, a erva rasteira, talhada e retalhada pelos dentes ávidos.

Nas feiras os lavradores, tristes e cabibaxios, interrogam-se inquietos: o preço do gado desce, desce vertiginosamente em cada semana. Para o pequeno cultivador, proprietario minuseulo ou rendeiro remediado, a baixa progressiva do preço do gado é a morte de uma bela esperança. Todas as suas economias, moureadas nestes anos post-guerra, ele as tinha ali amalhadas — naqueles quatroamigos leais, que para casa vieram ainda bezerros...

Nos anos de inverno normal, de temperatura doce e chuvas abundantes, os nossos recursos forraginosos bastam, melhor ou pior, a uma lavoura que não pôde, sem reparos, merecer o nome de progressiva; mas serão insuficientes, não tenham duvidas, para a lavoura de amanhã, que terá forçosamente de dizer adeus á Rotina e de abandonar alguns dos seus séculos processos de cultivo, de seus avós herdados, para poder atender ás necessidades de uma população cada vez mais numerosa e exigente.

Ora como os nossos recursos aquiferos tem infelizmente um limite, não sendo possível na maioria dos casos augmentar muito a sua capacidade, estamos agora em frente de um problema de alto interesse agricola, qual é o de encontrar um sistema de produção que, não se afastando demasiadamente do que a experiencia de seculos *mais ou menos sancionou*, permita, sem diminuir a colheita cerealifera, augmentar as possibilidades forraginosas.

O que não pôde manter-se sob pena de termos de viver em regime crónico de emigração—é esta inferioridade relativa de produção de uma provincia que tem possibilidades e recursos para elevarla em muito.

Não basta comprar maquinas caras que logo se põem de banda por inadaptaes (?) ás nossas terras; não basta povoar os nossos eidos numa promissividade e densidade incomportaveis, de arvoredos fructo mais ou menos rendosas; não basta construir adegas luxuo-

sas, de chão asfaltado ou cimentado, com balseiros e cubas de alto preço. Isto é muito pouco isto não é nada, sendo muitas vezes condanavel.

O que é preciso principalmente — reparem bem — é saber fazer lavouras, que não podem limitar-se, as de inverno, a um ligeiro arranhar da terra superficial, e ainda saber fazelas a tempo, é dar ás culturas o alimento que lhes convem em doses e substancias compatíveis com a riqueza e a natureza do solo; é acudir ás plantas, durante o seu periodo vegetativo, com os grangeios que elas reclamam, atinentes a manter no solo uma humidade conveniente e a estabelecer as condições necessarias e suficientes para uma utilização eficaz, pelas culturas, das substancias fertilisantes; é ainda, eu peço toda a atenção! elevar a um *maximum* necessario a produção forraginosa das nossas terras, e reparti-la, e conserva-la de forma que nos mezes de invernos secos haja sempre abundancia de verde para o gado.

O costume tradicional de deixar as terras de «velho» para nelas se crearem pastos para o gado tem de ser abandonado.

Dir-me-hão que as ervas dos pastos são de uma grande sobreabundancia e de uma extraordinaria rusticidade; que se agüentam bem com temperaturas baixas e, por serem uma mistura de muitas espécies, são um bom alimento.

Dir-me-hão ainda... tudo o que quizerem, pois tudo é defensavel neste mundo. A todas as objecções possíveis eu responderei em artigos sussivos, o que não quer dizer que não podesse responder já com um unico argumento: a actual carencia quasi absoluta de pastos e ervas numa provincia que tem todas as condições de uma região pascigosa. — O problema é muito interessante; mas o complexo. Requer metodo na sua exposição, requere mesmo um pouco de prudencia no expozitor, não vá a gente sair de uma *carrapata* para se meter noutra. Creio no entanto que todos nos havemos de entender e... convencer.

Justino d'Amorim.

Noticias locais

Encontra-se encomodado de saude o importante industrial sr. Manuel Mendes de Oliveira.

—Faleceu hontem o sr. Manoel de Abreu, tio dos snrs. João e Carlos Abreu.

—No proximo dia 21 virá a esta cidade iniciar uma serie de conferencias na Sociedade Martins Sarmento, o illustre reitor honorario da Universidade de Porto sr. dr. Francisco Gomes Teixeira.

—Os democraticos apresen-

tam como candidatos nas proximas eleições, pela maioria, os snrs. Daniel José Rodrigues, Mariano da Rocha Felgueiras e Maximiano de Mattos.

—Foram eleitos comandantes perpetuos da corporação dos Bombeiros Voluntarios, por proposta do patrão sr. Avelino da Silva Guimarães, os snrs. Simão Costa Guimarães e José Luiz de Pina.—C.

Idem 16

—Vimos entre nós o sr. dr.

Eduardo de Souza, antigo deputado da nação.

—Esteve entre nós, regressando a Santo Thyrsro, o sr. Antonio Vieira da Costa.

—Realizou-se no dia 16 a importante feira de Santo Amaro, que esteve bastante concorrida.

—Faleceu a esposa do acreditado negociante da nossa praça sr. Antonio Alves Martins Pereira.

—O partido liberal propõe por este circulo, pela minoria, o sr. dr. José Manoel Cardoso, distincto advogado em Celorico de Basto.

União conservadora

Acerca do proximo acto eleitoral publicou a ACÇÃO SOCIAL de Barcellos este artigo cuja doutrina inteiramente perfilhamos:

Mais do que nunca, este momento exige que se extremem bem os campos, a tal ponto que de um lado estejam os amigos da ordem e que fiquem do outro lado os que preferem a continuação da politica nefasta á nacionalidade, que se tem feito salientar, por esta virtude, nos ultimos annos.

Não estamos defendendo a politica pessoal e muito menos o partidarismo de facção. Estamos aqui, sim, para defender a unica politica que convem a todos: a ordem, a disciplina social, em resumo, a causa da Patria.

E' sob a bandeira incolor do Centro Catholico que aqui estamos peijando e que estamos peijando a todos os elementos conservadores do nosso concelho, militem elles em qualquer campo partidario, que se unam perante as urnas sob os principios da nossa fé.

Precisamos os electores de Barcellos, como precisam os electores de todos os concelhos do circulo eleitoral de Braga, de se apresentarem unidos e disciplinados exercendo o direito sagrado do voto, manifestando bem firmemente, tão claramente e tão por forma inconfundivel, que nunca mais politica partidaria possa contar com os votos dos catholicos para eleger candidatos avancados,—de orientação contraria ás aspirações da Igreja Catholica.

«Temos de olhar para a Patria que se vae afundando n'um mar de lama, de sangue e de crimes,—e temos de olhar para a Igreja, que continúa sendo perseguida, enxada, maltratada, escarnecida por varias correntes da politica que tem dominado este paiz.

Nunca mais os votos dos catholicos devem eleger deputados avancados

Façamos todos este proposito firme, inabalavel, denunciando o tão clara como inconfundivel ente, no proximo acto eleitoral.

Não pretendamos saber em que partido politico estejam filiados os candidatos que se apresentem ao suffragio. Para nós, catholicos, isso importa pouco. O que importa muito, e esta deve ser a condição especial e talvez unica da nossa preferencia, é a de sabermos quaes são as crenças religiosas d'esses candidatos, até que ponto os catholicos podem contar com elles.

E' que os nossos votos, os votos dos electores catholicos, só devem eleger candidatos catholicos; e estes por seu turno, devem, sem pelas, sem respeito por ne hum interesse partidario, ser no parlamento os conscientes representantes e porta-voz da vontade e das crenças catholicas de quem os elegu.

Deve mesmo repugnar á nossa consciencia de catholicos, de homens de fé, o darmos o nosso voto a quem ou não tem em consideração as aspirações dos catholicos e o prestigio da Igreja e que contribua, pelo seu silencio que é cumplicidade ou pela sua acção, que é ludibrio a boa-fé de quem os elegu, para os ataques á doutrina religiosa.

Os votos dos catholicos não vão, pois, para quem não seja catholico e que não seja capaz de como tal se afirmar no parlamento em de-

feza dos principios da nossa religião.

Devemos ser solidariamente unidos, todos os que querem trabalhar sob esta ideia, e devemos empenhar decididamente toda a nossa acção pelo triumpho das candidaturas dos homens de fé, ocupando todos, deante das urnas, o nosso posto de honra.

Não se perca um só voto, por que todos são precisos, por que todos são indispensaveis, por que todos são poucos para manifestar a união mais solidaria de ideias e afirmar que podemos quando queremos.

Falamos assim, sem subterfugos a todos os elementos conservadores do concelho de Barcellos, quer estejam ou não filiados no Centro Catholico.

Fallamos assim a catholicos, aos homens que tem que perder, aos operarios que facilmente são influenciados pela cor de rosa das modernas correntes de opinião socialista quer tenham ou não preferencias partidarias,—para lhes pormos este dilemma:

Ou nos unimos todos e todos trabalhamos, sacrificando nos até, para o triumpho dos candidatos catholicos—e assim contribuímos para o bem publico, para o bem da Igreja e da Patria, ou nos afastamos uns dos outros e somos indifferentes ás eleições: as crenças catholicas ou anti catholicas dos candidatos, contribuindo por este modo, para o maior mal da sociedade e da Patria.

Porisso não quero que pese sobre a minha consciencia o remorso de não cumprir o meu dever de catholico. Votarei em candidatos catholicos, escolhendo, dentre os que se apresentem ao suffragio, aquellos que mais garantias deem dos seus sentimentos religiosos. Em candidatos contrarios á Igreja Catholica e que tenham tido cumplicidade na maneira como ella tem sido tratada pelas autoridades publicas, quer directamente, atacando-a e privando da liberdade de exercicio da sua função espiritual a bem das almas, quer indirectamente, perseguido os seus ministros e sujeitando-os por vezes á condição economica mais precaria,—n'esses candidatos contrarios á Igreja Catholica é que eu não votarei. Mario Silveira.

«VOZ DE GUIMARÃES»

Para distribuir os nossos seis semanarios pelos dias da semana sae a Voz esta semana á sexta feira, e o proximo numero sahirá terça feira, dia marcado definitivamente para a publicação da Voz.

Vamos agora ampliar o noticiario da cidade e do concelho de forma que a Voz traga sempre uma pagina inteira de interesse local.

A ABSOLVIÇÃO

(VERSÃO DE LYSIA)

Pela vereda que vai ladeando os penhascos frágios da costa e que as urzes quasi escondem, o abade de Trégonec ia da povoação para a casita baixa que sua velha mãe se obstinava a habitar sóinha com uma vacca e algumas galinhas.

Era n'um belo dia de Setembro. O sol não estava muito quente e o abade, que acabava de dormir a sesta, estava de bom humor. Como a mãe ia fiar contente de o ver!

Nunca lhe tinha agradado tanto o marulho das ondas quebrando nas rochas bretãs, nem as embarcações verdes ou escuras, ao longe, sobre o mar azul nem o forte cheiro das algas misturado com o perfume das estêvas.

Estava só. Nem viv' alma e elle tinha um paternal sorriso preparado para o primeiro ser vivo que encontrasse, quer fosse um impio ou um gato bravo.

Ora, justamente a cincoenta metros apenas diante d'elle, surgiu um homem dentro um espantalho. O sorriso profissional do abade começou quasi logo a transformar-se n'um visagem inquieta.

Aquele homem estava amarelo, desganhado, e os olhos pareciam promptos a sahir-lhe das orbitas. Tinha um vinco forçado no canto dos labios e avançava, curvado, fazendo grandes gestos com os braços.

Quando estava a alguns passos: —O senhor é o abade d'esta aldeia? disse elle. E depois da resposta afirmativa, ajuntou em voz baixa e precipitada:

—Quer'ia ont' sear-me? O abade, que era homem metódico, não pôde deixar de dizer:

—A estas horas?

Mas ante um olhar suplicante conteve-se.

—Venha!

E deu meia volta já arrependido. O homem murmurou atrás d'elle:

—Não quer aqui?

—A Igreja é muito perto. Estaremos lá mais tranquilos do que n'este caminho onde pôde passar algum.

O abade sentiu-se dominado por uma extrema inquietude pelo desconhecido e seguiu adiante d'elle a passo apressado. Quando chegaram á aldeia o homem aproximou-se tanto d'elle que lhe pareceu querer occultar-se nas prégas da sotaina.

Uma vez na Igreja pareceu mais á vontade. O abade entrou precipitadamente no confessional. O homem ajoelhou e pôz-se a falar logo em seguida:

—Não sei como isto aconteceu. Ainda não ha meia hora que isto se deu e ainda não comprehendo nada. Mas é preciso que lhe diga tudo para que veja que não sou um malvado. E preciso que me possa dar a absolvição, porque sei bem que se não m'a dá sahindo d'aqui irei lançar-me á agua. Foi o azar e a fome que fizeram tudo. Se não fosse isso, est'u certo que ainda lá estaria.

Lá ou em qualquer outra parte; mas que é o que lhe estou a dizer? Ah! como contar-lhe tudo isto? Perturbava-se. O abade acalmou-o com algumas palavras. Então continuou mais pousadamente. Tinha sido despedido d'uma fabrica de Brest, em seguida a uma greve. No momento das reintegrações, como a fabrica periclitava não tinham retomado senão os operarios casados.

Quando a elle, imaginaram que se tiraria de embaracos. Mas a má sorte tinha-o perseguido. Não pôde encontrar trabalho em Brest. Então partiu para o campo, ao acaso. De herdade em herdade tinha ganho com que não morrer de fome. Mas pouco depois tudo parecia conspirar contra elle. Nem trabalho nem dinheiro. Havia tres dias que não tinha comido nada, quando chegou em frente ao mar, perto d'uma casita baixa em que habitava uma mulher de idade.

—Uma casita de janelas verdes? murmurou o abade, cheio de angustia.

—De janelas verdes, é isso, é. Entrei e pedi de comer; é de crer que eu levava um aspecto de meter medo, porque a velha assustou-se e gritou-me: «Vá-se embora!»

Então não sei o que se passou no meu cerebro, mas vi tudo vermelho. Saltei-lhe em cima e agarrei-a pelo pescoço. E apertei-a com tanta força que foi como se não tivesse sido eu, que parecia outro.

De repente, vi que ella não se mexia, já não respirava. Então fugi. Foi então que o encontrei, senhor abade...

O homem parou ofegante. O abade não respondeu. Estava rezando.

Nunca sentira dór maior. Nunca mais dolorosa incerteza. A menos d'um passo d'elle o penitente esperava a absolvição.

O abade consultou Deus. E parecia-lhe que Deus lhe dava esta resposta temível:

—«Tu és o senhor da tua justiça porque se trata de tua mãe!»

Como n'um belo sonho, ele via a veneravel ancã girando sobre o soalho encardado. No fogão ardia a lenha. Os buídes de doce alinhavam-se na estante de nogueira. No meio da mesa vacilava uma lampada familiar. E o abade sentia o coração pender para a vingança.

Mas de repente, sempre a menos d'um passo d'elle, ouviu de novo o respirar ansioso do penitente.

Outra visão o absorveu quasi logo: era uma legião de famintos que o sofrimento tinha impellido para o crime, abandonados na terra, a quem ninguém estende a mão.

E a voz pungente da miséria humana, a respiração curta, conternada, parecia repetir sem parar: —«Piedade! Piedade!»

Ao fim d'uma longa hesitação, pôde enfim falar.

—Era uma mulher alta, com bandós brancos?

—Sim, com bandós brancos.

Silencioso, o abade orou com as mãos sobre o peito oprimido; resou mais ardentemente para impedir que as lagrimas corressem, e depois deu a absolvição.

—Agora, murmurou, parta, parta depressa. E em Brest onde terá mais probabilidades de encontrar trabalho. Tome estes vinte francos.

O homem desapareceu, murmurando algumas palavras confusas. O abade depois saiu apressadamente da igreja.

O adro estava inundado de sol. Duas raparigas vestidas de branco passaram rindo, saudaram o abade com um bom dia fresco como a aurora.

Elle teve a força de lhes sorrir. Teve tambem uma palavra amavel para Le Dentu que lhe dava noticias do seu cavallo, e para Cornec que falava em augmentar um andar á sua casa...

...E pela vereda que ladeia os penhascos da costa, o abade de Trégonec ia correndo para a casita baixa da sua mãe, onde sabia que não encontraria senão a vacca e as galinhas.

Era um belo dia de Setembro, mas o abade já o não gozava. Irritava-se com o marulho das ondas e com o perfil calmo das embarcações no horizonte e até com o perfume das estêvas, misturado com o cheiro das algas.

Entrou como louco em casa da mãe.

A velha estava cahida no chão e parecia inanimada.

Tomou-a nos braços e deitou-a na cama. Estava ainda quente e respirava.

Fracionou-a e ella acabou por abrir os olhos.

Não comprehendia nada do que se tinha passado.

O abade ficou trinta e seis horas á sua cabeceira e conseguiu salvar-a. Pela primeira vez passou um dia sem dizer missa...

Jean-Jacques Bernard.

moedas e as medalhas antigas. Alcibiades foi quem introduziu a moda da navalha, o que não é extranho da parte d'aquelle general libertino e efeminado; mas o mais admiravel é que Alexandre Magno se mandava fazer a barba nas vespas d'uma batalha.

No ano 331 antes de Cristo, conta Plutarco, fez-se esta cerimonia e tão bem se achou Alexandre Magno sem a sua grande barba que ordenou a todos os seus soldados que se mandassem fazer a barba. Alguns autores acrescentam que a razão por que o grande guerreiro queria os seus soldados barbeados era para não darem ao inimigo, na luta corpo a corpo, esse ponto de apoio.

Diz-se que a partir d'aquelle ano foi moda barbear-se e que essa moda durou até ao reinado do imperador Justiniano: os filosofos estoicos, por sua parte, deixaram crescer as barbas para mortificar os partidarios do outro filosofo Pitagoras.

Depois, reinando Justiniano, tornou-se ao uso da barba e durante 500 anos permaneceram fiéis a ella os romanos, o que não deixa de ser admiravel num povo tão inconstante.

Mas a moda da navalha voltou a Roma, inaugurando-a Scião o Africano, que levava o respeito e essa moda até ao ponto de se mandar barbear todas as manhãs. Desde então houve alternativas de barbas rapadas e de barbas povoadas; o imperador Adriano usou barba; Constantino Magno desterrou-a do seu palacio.

Conta Plutarco que os godos e os francos usavam somente bigode, para parecerem mais novos e valentes aos olhos do inimigo. No tempo de Carlos Magno usou-se bigode descomunal caído de ambos os lados, desde a boca até ao peito, e depois, tanto o bigode como a barba, desapareceram completamente.

A sua volta deve-se aos hespanhoes; Hespanha é o paiz das barbas; nela se presta culto á barba, é respeitada. No reinado de D. João III de Portugal, D. João de Castro deu metade das barbas como penhor. Filipe V foi quem introduziu em Hespanha o uso da navalha.

Em França, Luis XIII introduziu o uso do bigode, que levaram e com que donaire! — os subditos do Rei-sol. Este, porém, ao envelhecer e cedendo ás supplicas de M.^{me} de Maintenon, rapou-o; e logo, como por encanto, os bigodes desapareceram do reino de França.

Em Inglaterra usou-se a barba desde a invasão dos normandos até 1066. Actualmente os ingleses escanhão o rosto. «Clean haved» é, entre elles, quasi sinónimo de «homem honrado».

Não deixa de ser ridiculo este exagerado respeito pela moda.

Poderiam escrever-se volumes acerca da barba e da sua historia; e, tanto assim, que os há interessantissimos. A «Dissertação sobre a barba» e o «Elogio dos barbi-ruivos», são, ao que se diz, trabalhos curiosos.

Apesar disso, é provavel que ainda haja coisas novas a dizer sobre o assunto; mas deixemo-las para os ociosos.

Do Monitor, revista católica que se publica na California, traduzimos o seguinte que tem muito de agradável e de instructivo.

O correspondente em Roma do jornal O Tempo, de Paris, escreve que Pio X pensou em permitir ao clero o uso da barba.

Ha poucos anos o Pontifice recebeu peregrinação italiana, recém-chegada da Terra Santa.

Os sacerdotes orientais usam barba, como sempre lhes foi permitido. E dentre os peregrinos, alguns estavam tão vantajosamente servidos a tal respeito, que chamavam a atenção do Santo Padre.

—«Conheci uma vez (disse) um Paroco que tinha um verdadeiro horror á navalha. Amíúde lhe ouvia dizer: «Se eu chegar a Papa, hei de permitir o uso da barba a todos os ecclesiasticos. Quem julgues que era esse paroco?» Os venesianos que formavam parte do grupo saíam-no muito bem; e sorriam.

—«Tendes razão: sim, sou eu continuo Pio X. — E cumpro a minha palavra. Se algum dos sacerdotes presentes deseja usa barba, consentir-lhe-hei.»

Mas, percorrendo-os a todos

com a vista, o Pontifice viu um dos seus velhos conhecidos.

—«Regressa á sua parochia com essas barbas?» interrogou, de olhar aceso.

—Não, Santo Padre, barbear-me-hei antes de chegar a Treviso.

—«Não pode o senhor fazer cousa melhor,—concluiu Pio X —porque assim me parece um perfeito espantalho.

Ao senhor eu negaria, certamente, a concessão.» Este gr

SEMANA A SEMANA

Estamos a poucos dias das eleições; embora não esperemos delas coisa boa, por viciado fundamentalmente o sistema, é preciso registar o facto, que é, realmente, o da semana. Mais de metade das conversas entre portugueses, hoje,—poderíamos apostar! —tem por assunto a previsão politica. Neste paiz de imprevisão, passamos a vida a fazer previsões dessa natureza.

E, todavia, para que? Podemos garantir prematura e anticipadamente que o governo ganhará em toda linha. E a função politica dos governos portugueses: ganhar eleições e perder revoluções. Ha cem anos que vivemos nessa contradança.

Parece um absurdo nas actuais circunstancias, haver candidatos governamentais. O governo é, de si, extranho ao partidatismo. Pois ali vamos ver o absurdo: ha deputados do governo, como ha outubristas, que é absurdo não menor. Da revolução de outubro nada appareceu, como doutrina original; como agrupamento ou acção, só se appareceram partidarios dos assassinos da noite sangrenta, que essa é, nas suas circunstancias, original.

Mas a grande preocupação do governo, ao que rezam os ultimos telegramas, não é o triunfo das suas candidaturas; é o saber que fazer aos candidatos que foram, nos termos das leis eleitorais, proclamados por não haver opposição nos respectivos circulos, antes do ultimo adiamento.

Tais cidadãos, perdem o mandato? conservam-no, embora hoje se quizesse fazer ali opposição? Gravissimo problema que traz preocupadissimos os politicos e governantes portugueses, sem se lembrarem de quanto simplificaría o problema passaram a fazer as eleições por decreto do Diario do Governo.

As eleições não representam, consideradas de um modo geral, a opinião do paiz. Está viciado o sistema, repetimos; não quer isso dizer que não devam, os que podem fazelo, trabalhar pelo melhoramento geral e do proprio mecanismo eleitoral. Assim, na provincia do Minho, o Centro Catolico tem trabalhado muito na ultima, para fazer triunfar os catholicos que por esta região, se apresentam ao sufragio. Cumprem assim as determinações do episcopado, a cuja direcção se submetem, disciplinadamente.

O Minho é uma das boas posições católicas, e deve manter esse título. Pelo menos cumpre registar aqui que na semana finda se trabalhou dedicadamente para isso.

Já que registamos estes trabalhos politicos, não é menos proprio registar tambem a adesão de Lisboa, fez á monarchia e ao Sr. D. Manuel. Anunciada dias antes, a adesão não surpreendeu, mas despertou curiosidade a nova attitudão do sr. Simão de Laboreiro, que a Monarchia atacava rudemente, como aliás se

cejo do grande Pontifice produziu geral hilaridade.

Um sacerdote muito conhecido em Filadelfia, disse a este respeito:

—Se o Papa Pio X vai conceder, como se tem dito o uso da barba aos sacerdotes catholicos romanos, pôde bem firmar-se no exemplo de alguns dos seus Predecessores. Durante os seculos XVI e XVII, desde Clemente VII a Alexandre VII, parece que os Papas a trouxeram.

compreende pelo caracter integralista deste ultimo jornal, desafecto ao Regio exilado de 1910.

Entre os monarchas no exilio gosam muitas sympathias os Habsburgos, refugiados na ilha portuguesa da Madeira desde a ultima infructuosa tentativa de um golpe de estado, para a reconstituição do velho trono da Austria. Na Madeira são vigiados pelos governos aliados, que que se opõem terminantemente a tal reconstituição por varios motivos politicos, cujo segredo não é só das chancelarias:—é o sonho de um sindicato universal de governo, do imperio do mundo por varios judeus ricos.

Ora Carlos VII encontra-se na Madeira, e a imperatriz sua esposa necessitou, por motivos de de saude, retirar-se algum tempo á Suíça. De passagem, Zita, que é do sangue real portuguez, esteve em Lisboa onde foi muito saudada pelas monarchicas que á partida acorreram a lhe apresentar despedidas reverentes e affectuosas.

Não de sangue real mas princesa portuguesa pelo casamento, é D. Maria Pia de Bragança, viúva de D. Afonso Henriques, duque do Porto, que antes usava o nome de Nevada, e recentemente se fez catolica.

A formosa princesa está actualmente em Lisboa, onde espera o cadaver do marido, cuja trasladação se affectua agora para o Panteon brigantino, recebendo os restos mortais do simpatico Principe as honras, que lhe pertencem, de general portuguez.

O governo da Republica tem combinado com D. Maria Pia as solenidade da trasladação.

Aqui em Braga não ha muito a registar, como não seja uma resolução da Camara que determina se comece a cobrar desde 15 de janeiro corrente, o imposto de exportação concelhia, denominado «ad valorem».

Já se effectuou na Associação Commercial uma reunião contra esse imposto, reunião que juntou numerosos comerciantes e industriais. Enquanto escrevemos esta crónica, deve estar na Camara uma comissão para apresentar reclamações sobre o caso. Dos resultados diremos, na proxima semana.

A Creche da Associação Catolica effectuou nos dias 6 e 8 uma interessante festa. Teve um bello effeito, e conquistou aplausos correctos desempenho dado por tenras criancinhas a uma escholhido programa de recitação, declamação teatral, canto e ginastica recreativa. Instantes pedidos de benfeitores da obra, que não poderam assistir, fizeram que o Sr. dr. Conego Novais e Sousa, presidente da Associação Catolica e director da Creche, marcasse para o dia 15 outra repetição da mimosa festinha.

A Creche está espalhando muitos bens entre as classes pobres: bem merecem de Deus, da Patria, e da sociedade essa e semelhantes obras de amor social cristão.

Fala-se de mentiras, entre muheres.

—Na minha vida, diz uma d'elas, só menti três vezes.

—Com esta quatro—diz-lhe a outra!

Um rapaz escreveu ao tio dizendo-lhe que se ia suicidar, porque não tinha dinheiro.

O tio, que já lhe conhecia as manhas, não lhe respondeu.

Dias depois telegrama do sobrinho:

«Suicidei-me mande dinheiro para enterro decente!»

No tribunal:

—A testemunha viu o acusado disparar os tiros.

—Sim, senhor juiz.

—A que distancia estava do agressor quando êle disparou o primeiro?

—A uns cinco passos.

—E quando disparou o segundo?

—A um kilometro, senhor juiz!

Fala-se de mentiras, entre muheres.

—Na minha vida, diz uma d'elas, só menti três vezes.

—Com esta quatro—diz-lhe a outra!

Um rapaz escreveu ao tio dizendo-lhe que se ia suicidar, porque não tinha dinheiro.

O tio, que já lhe conhecia as manhas, não lhe respondeu.

Dias depois telegrama do sobrinho:

«Suicidei-me mande dinheiro para enterro decente!»

VARIEDADES

Historia da barba

Nos tempos antigos quasi todos os escritores falaram da barba; os escritos de Homero, Herodoto, de Virgilio, como tambem os de Cicero, Estrabão Suetonio e Tito Livio fazem menção da barba. Homero celebra a grande barba

de Nestor e glorifica em termos de veneração a do rei Priamo e a de Heitor. Foi tambem Homero quem revelou o costume antigo de tocar na barba do proximo quando se lhe pedia um favor ou um serviço.

Mas foi geral o uso da barba noutros tempos? E' impossivel r sponder duma maneira precisa a esta pergunta, mas as melhores fontes de informação acerca deste assunto são certamente as

PASSATEMPOS

Accepta se colaboração para esta secção. Os trabalhos enviados devem vir acompanhados das respectivas decifrações. Toda a correspondência relativa a esta secção deve vir dirigida á sede da «União Regional da Imprensa» com esta direcção:

«Diario do Minho»

Braga.

(Passatempos)

Adivinhas populares

I

Acompanham sempre o rio Da nascente até ao mar, E dos rios fazem parte Sem poderem nele entrar, Mas muito é para admirar, Que entrem em todo o navio, Não sendo elas do rio, Nem podendo entrar no mar.

A "BOA IMPRENSA"

reconhecida de utilidade pública pelo Brazil

O *Diário oficial*, de 2-8-21, publicava o seguinte parecer ao projecto da Camara dos Deputados, que considerava de utilidade pública o *Centro da Boa Imprensa*:

«O *Centro da Boa Imprensa*, associação particular, com personalidade jurídica, fundada em 1910, com sede em Petropolis, tem por objectivo a propagação da saniliteratura, editando periodicos, livros, fundando bibliothecas e fornecendo informações aos órgãos de publicidade, jornales e revistas disseminadas pelo paiz, que defendem as ideias conservadoras da ordem moral e material na sociedade.

De como se tem o *Centro* des-empenhado da relevante missão social são prova os seguintes factos:

1.º Tem elle procurado, desde 29 de janeiro de 1910, concorrer de modo especial para o desenvolvimento da san literatura, no territorio do paiz;

2.º Dedicou-se ainda a auxiliar os jornaes e revistas que tenham os mesmos seus intuitos de saneamento moral;

3.º Tem procurado servir de fonte de informações, a respeito de questões de actualidade, incumbendo-se ainda de orientar a opinião publica em favor das ideias conservadoras, por meio de cerca de cem publicações, coligadas ao seu objectivo primordial;

4.º Tem já editado numero bem razoavel de obras de valor, tanto sob o ponto de vista literario, como mu principalmente sob o aspecto moral;

5.º Tem contribuido para a fundação e manutenção de 95 bibliothecas, espalhadas pelo territorio nacional, e baseadas todas nos excellentes principios de respeito á auctoridade legalmente constituída e da propriedade licitamente adquirida;

6.º Tem promovido congressos de jornalistas e escriptores, tomado a iniciativa de reuniões, conferencias, e mesmo de exposições, tudo dentro do territorio do paiz;

7.º Publica uma revista infantil illustrada, quinzenal, «O Bê-liz-Flôr», a preços populares, e com uma orientação moderna, baseada no melhor criterio scientifico e pedagogico.

8.º Edita um boletim mensal de sua acção social, por meio da imprensa, intitulado «A Resposta», com uma tiragem de 16.000 exemplares, distribuidos gratuitamente a igual numero de socios da «Liga da Boa Imprensa», cujo rde de propagação das boas ideias, dirigida por 514 correspondentes, actua em todo o Brazil.

9.º Tem-se dedicado á moralização dos cinemas, em todo o Brazil, por meio do seu periodico «A Têla», actualmente de publicação semanal, e onde se criticam, sob o aspecto moral, todos os «filmes» importados do estrangeiro e exhibidos no Rio de Janeiro.

Se ha, portanto, associação privada que entre nós mereça a classificação de utilidade public cujos effectos não estão ainda definidos, como fôra para des- numa lei especial, é sem duv

o *Centro da Boa Imprensa*, pelos relevantes serviços, que, sem qualquer auxilio official, vem prestando ao paiz.

A Comissão, por esses fundamentos, opina pela aprovação do projecto.

Sala das sessões, 30 de julho de 1921.

Gunha Machado, Presidente.— Andrade Bezerra, Relator.— Verissimo de Mello.— Arlindo Leoni.— Arthur Lemos.— Heitor de Souza.

Projecto a que se refere o parecer

II.º 199 — 1921

Considera de utilidade publica o *Centro da Boa Imprensa*

O Congresso Nacional resolve:

Art. 1.º Fica considerado de utilidade publica o *Centro da Boa Imprensa*.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 22 de julho de 1921 — Bittencourt Filho. — Raul Barroso — Nogueira Penido.

JUSTIFICAÇÃO

O *Centro da Boa Imprensa* faz jus a ser incluído entre as instituições consideradas de utilidade publica. Trata-se de uma instituição cujos serviços á unidade da Patria, á moralidade dos costumes e á defeza da intellectualidade da infancia são patenteados em toda a esphera de sua acção. Publicando jornaes e revistas, realisando exposições, velando pela san leitura de livros e publicações, confraternizando, em conferencias, o espirito lúcido de bons professores com a mocidade, realiza o *Centro da Boa Imprensa* missão social de alta relevancia.

Passando o projecto ao Senado, assim se manifestou a respectiva commissão:

«A Camara dos Deputados aprovou a proposição que considera de utilidade publica o *Centro da Boa Imprensa*.

Ao Senado cabe agora pronunciar-se a respeito do assumpto. Numerosas tem sido as associações contempladas pelo Governo do paiz com este beneficio. Entre todas, porém, não ha, certamente uma só que mais mereça esse favor do que o *Centro da Boa Imprensa*.

Organizada em 1910 (29 de janeiro), destinada a fins patrióticos e elevados, essa associação se vem desempenhando dos seus compromissos com zelo e desinteresse, dignos de nota.

Os serviços por ella prestados á sociedade brasileira são de importancia capital. Vizam directamente a formação de caracter da mocidade, a difusão de boas normas de conducta por meio de ensino, da boa leitura, das conferencias, dos avisos, prevenindo males, etc.

A's suas expensas mantém esta bella instituição um pesado trabalho de propaganda de bons costumes, digno de admiração e só proprio de espiritos superiores, que encaram, acima de tudo, a boa ordem e o bem estar da communhão pela pratica de actos justos, pelo respeito á auctoridade, pela moralidade publica e privada, e pela consciencia perfeita, independente e autonoma, da acção de cada um no meio social em que vive.

O seu objectivo su remo é ver

na familia brasileira implantado e bem arraigado o regimen da virtude civica e moral; cada um respeitando a lei e a moral, prestigiando a auctoridade, pela obediencia ás suas ordens, acatando o direito alheio e praticando o bem sem que, para tal, seja miser qualquer intervenção do poder publico, e procedendo cada cidadão com inteira autonomia e completa consciencia dos seus actos.

Dos dados que poudo o relator colher sobre o assumpto, verificou que, com tal objectivo, o *Centro da Boa Imprensa* mantém o seu órgão de publicidade *A Resposta*, que espalha de graça por 15 500 leitores assignantes: distribue gratuitamente milhares de livros uteis, de leitura san, moralizada e amena, além de instructivos pela forma e pelo assumpto; (essa distribuição gratuita de livros sóbe já a 35.429 exemplares no periodo de nove annos!) auxilia a publicação e circulação de varias

outras folhas, sob a mesma orientação e impede por meios suaves e bastante discretos, os abusos as licenciocidades que se têm procurado introduzir na imprensa, nos divertimentos publicos, theatros, cinematographos, etc., empregando-se linguagem, figuras, quadros, revistas, censuras ao pudor e á dignidade de familia.

Em um paiz, onde o caracter se vai abastardando, onde uma boa parte da mocidade só procura a vida de gosos, de confortos de riquezas facéis, onde o vicio domina ao ponto de obrigar á adopção de leis rigorosissimas em defeza dos fracos por elles alcançados, é fôra de toda a duvida que uma instituição como o *Centro da Boa Imprensa* presta serviços de alta relevancia, de valor inestimavel, merecendo do poder publico não somente a simples proclamação em que é uma associação de utilidade publica, mas ainda um auxilio forte e eficaz feito.

para collimar o objectivo de modo mais rapido e mais complexo.

Assim pensando, a Comissão de Legislação e Justica é de parecer que a proposição deve ser approvada pelo Senado. — Sala das Comissões, 5 de outubro de 1921. — Eusebio de Andrade, Presidente interino. Jeronymo Monteiro, Mauricio de Lacerda, Antonio Massa.

A estas animadoras palavras, partidas do seio do Congresso Nacional, em ambas as suas sessões, accrescentamos, com jubilo, que o sr. dr. Epitacio Pessoa, illustre Presidente da Republica, assignou no dia 23 do corrente o decreto que considera o *Centro da Boa Imprensa* de utilidade publica.

De utilidade, e muita e enorme utilidade já o era elle, perante e consciencia nacional. Resta apenas que os poderes da Nação assim o reconhecessem oficialmente, como acaba de ser feito.

ma não morrerá: apenas caiu em sono cataleptico.

Os leitores sabem o que isto é: uma creatura adormece tão profundamente que parece morta, e pode passar assim dias, meses e annos.

E como durante esse tempo não se como nem bebe, al está uma boa doença para a gente fazer face... á carestia da vida!

Pavoroso incendio

Foi o que a semana passada em Bourbourg, França, destruiu varios edificios, ameaçando destruir um bairro completo da cidade.

O incendio era de tal ordem que foi preciso chamar bombeiros das cidades mais proximas. Os prejuizos ascendem a alguns milhões de francos.

Elle com o frio que vae, o fogo é bom. Mas tanto, não...

Greve nas minas d'ouro

Anunciaram os jornaes de lá que tinha começado a greve em todas as minas de ouro do Rand, na Alemanha.

Cá em Portugal, a greve do ouro dura ha tanto tempo, que não ha maneira de a gente pôr o olho numa libra de cavallinho. Por outro lado, nas minas de papel da Casa da Moeda não ha maneira de haver greve. É uma inundação de notas todas as semanas

A questão irlandesa

LONDRES, 14—A comissão especial de que é presidente o sr. Churchill está preparada para fazer a transferencia do poder executivo para o novo Estado Livre da Irlanda.

A transferencia será dada a um enviado do governo provisório.

O sr. Griffiths vai fazer eleições sem demora, organizando-se sem demora o parlamento da Irlanda do Sul.—Radio.

ECLIPSES

Durante o ano corrente será visível em Portugal

No ano corrente ha dois eclipses do sol, sendo um visível em Portugal. O eclipse anular do sol dá-se a 28 de Março e começa ás 10-1, longitude 58° 34' W e latitude 11° 19' S. O fim do eclipse, que é parcial, é ás 16 g, 13-17° E de longitude e 23° 53' N. de latitude.

Será visível na Europa na Persia, Arábia, e Africa, ao norte do Equador, no Atlantico e na America do Sul, com excepção da Patagonia. A linha do eclipse passa pouco ao norte da Guiné portuguesa, onde as regiões de Cacheu e Farm são ainda atingidas pelo fase anular.

O eclipse parcial é visível no Porto, começando ás 12-43 A fase maior é ás 14-40 e o fim ás 15-20. O eclipse total do sol dá-se em 21 de Setembro. Invisível em Portugal.

Começa ás 2-4, por 57° 6' E de longitude e 9° 50' N de latitude. O fim do eclipse é ás 7-16, 158 47 E de longitude e 25-54 S. de latitude. Será visível na Australia, Nova Zelandia, ilhas de Sonda, Indo-China, India, Arabia, Persia, Oceano Indico e nas costas africanas.

Mrs. Russel descrevia o marido sob os mais atraentes aspectos! Tinha 34 annos, mas não representava mais de 25. A sua estatura era de 1 metro e 75 centímetros de altura e o seu peso 85 kilos; tinha cabelos louros, olhos azues e muitos dotes moraes e intellectuaes. Era além disto um valente athleta.

Sem descurar o seu proprio futuro e o dos seus filhos, Mrs. Russel desejava que seu marido vivesse convenientemente na roda social a que parecia que tinha direito a pertencer. Russel era sapateiro e ganhava bem a sua vida. Mas—segundo sua mulher—merecia melhor sorte. Cada bilhete da loteria custava cinco dollars e Mrs. Russel calculava portanto obter com um milhão de bilhetes a bonita somma de cinco milhões de dollars.

E. Mondini termina o seu artigo sem nos dizer quantos bilhetes dessa "rifa" original si-ma, conseguiu Mrs. Russel collocar...



Revista da imprensa, por LECTOR

Que fera!

Acabam de noticiar as gazetas que um namorado, no Mexico zangado com a namorada cortou-lhe os labios e comeu os!

Safal Dê-se por feliz a pequena, mesmo desbeçada, por se vêr livre, a trêco de uma pequenina parte de si mesma, de semelhante... metadel!

720 milhões

A conferencia das nações aliadas, em Cannes, assentou que a Alemanha terá de pagar, neste ano de 1922, aos aliados 720 milhões de marcos em ouro, sendo 580 milhões para a Belgica e 140 para a França. A Inglaterra—generosa até aqui!—resolveu desistir da sua parte.

Mais generosos fomos nós, que nem foi preciso desistirmos: não nos dão nem um pataco.

Tambem, para para que são cá precisos. Ainda nós não sabemos o que havemos de fazer dos famosos 50 milhões de dollars.

Grave desastre na Italia

Aquella desgraçada Sicilia continúa a ser a terra dos desastres. A semana passada as chuvas foram de tal ordem que em San Eratello desmoronaram-se varios edificios, entre os quaes a administração e a catedral.

E nós aqui de nariz no ar a ver quando cae alguma pinga!

Fome no Brazil

Na ribeira do Amazonas a população vive na maior miséria, dando-se cenas horribéis. O senado já votou um credito de 2500 contos de socorro, para os produtores de borracha, que estão, ameaçados de completa ruina. As populações vae enviar socorros o governo federal.

Mrs. Mackay, a capacidade de ganho do Dr. Blake, a qual por este motivo e, sobretudo pela afeição roubada, exigia uma indemnização de cinco milhões.

Para outras damas americanas, pelo contrario, o marido (preço de antes da guerra), valia muito menos: quasi uma miséria.

«Ofereço-lhe o meu marido pelo preço de 1.000 dollars», escrevia em Janeiro de 1914 Mrs. Agnes Bedell, de Boston, a Miss Mary Chandler, de Quincy; e esta respondia pelo seguinte telegrama: «Preço excessivo; ofereço metade.»

Mrs. Bedell achava mais logico e, sobretudo mais honesto, pôr em venda o marido do que «pagar a falsas testemunhas para que fossem dizer mentiras perante o tribunal dos divorcios».

Por outro lado, Mrs. Bedell estava persuadida de que qual quer mulher poderia determinar com exactidão o valor em moeda corrente do respectivo consorte, baseando-se sobre o que

Olhem que baile!

Em Sofia, capital da Bulgaria, realizou-se, para solenizar o Natal—que lá se celebra 14 dias depois do nosso, um baile official, que foi concorridissimo. Mas como festas religiosas solenizadas dando á perna são fracos actos de culto, um official armenio da reserva, embriagado, entrou a discutir com os organizadores da festa e disparou um tiro de pistola que matou o governador e mais duas pessoas. A assistencia fugiu, atropelando-se e ficando feridas muitas pessoas. Enquanto o agressor, aproveitando a confusão, se punha ao fresco. Baile e vinho, para comemorar o Natal do Redentor! Ai está o resultado.

Novo invento

Num diario americano de aeronautica noticia-se o descobrimento de um aparelho secretamente construido para o exercito e a marinha americanos.

Consiste em um aeroplano de pequenos dimensões que, elevando-se por intermedio das ondas hertzianas, conduzirá um poderoso explosivo. Este verdadeiro torpedo aéreo pôde ser lançado contra uma esquadra ou contra uma cidade, ainda que se encontrem á distancia de duzentos milhas ou mais.

É uma bella preparação para a futura... paz mundial!...

Roubado e preso!

Duas desgraças aconteceram a um sr. François Loustalot, de 61 anos, negociante em Toulouse, França.

Este velhote entregava-se ao commercio clandestino do ouro. Levado por um ajudante, foi dar uma volta pelo campo, á compra de objectos de ouro. A certa altura, na bifurcação dum caminho, saiu-lhe ao encontro um individuo que lhe roubou a carteira

ele ganhava e sobre os seus predilectos pessoases.

Considerava os amores extracôjugaes uma inutil deslealdade, pois que era tão facil, especialmente na America, chegar a um acôrdo amigavel entre mulher e marido...

Certas originaes esposas americanas, chegaram ao extremo de fixar o preço de um marido como... dançarino de aluguer. Foi em Março de 1914 que as sufragistas descobriram este novo modo de tirar partido dos maridos: «Estou com tanta vontade de dançar—disse brincando uma joven durante um baile organizado pelas sufragistas—que pagaria a um homem que me convidasse a dar duas voltas de valsa.

A Presidente da União das sufragistas, Mrs. Gillette, ouviu estr frase e replicou:

«Tenho um optimo marido e estou disposta a alugar-lho para toda a noite, com a condição de me pagar á razão de vinte centimos de dollar por cada valsa. Este preço é muito desproporcionado ao valor de meu

onde levava 25000 francos—um 23 contos. Primeira desgraça.

O roubado não se queixou, mas a policia que soube do caso, prendeu o ajudante, o roubante e... o negociante por se entregar a um commercio proibido pela lei. Segunda desgraça.

Bem se diz que uma desgraça nunca vem só!

Uma epidemia

Lá porterras da Suecia e Noruega anda causando muitas victimas a gripe pneumonica, que ha tres annos assolou todo o mundo. Desta vez pelo exercito e a marinha, agora estendeu-se ao todo o territorio d'aquellas duas nações. Deus nos livre d'ele.

Mal por mal, antes a peste... das eleições.

Arde uma fabrica de tabacos

No dia 11 houve um incendio na fabrica de tabacos de Madrid. Começou numa maquina da officina de picado e estendeu-se depois a outras salas. Durou das seis e meia da manhã ás 9 horas; mas os trabalhos puderam ser continuados no dia seguinte. Crê-se que foi fogo posto.

Lamentamos sempre os desastres, mas se o tabaco é uma coisa que se fabrica para arder, melhor é arder na fabrica, porque escusa de queimar... a bolsa do consumidor.

A hmanidade passou tão bem tantos seculos sem este pesadissimo tributo!...

Ministro adormecido

No principio da semana passada anunciaram os jornaes que tinha morrido o principe Okuma, antigo primeiro ministro japonês. Mas no fim da semana um telegramma de Tóquio, declarava que a noticia não se confirmava: o principe Oku-

marido. A receita irá a favor do cofre sufragista».

O pacto foi concluído e o Dr. Gillette, que é um conhecido cirurgião de Nova York, tomando o caso de brincadeira prestou-se a este curioso negocio e dançou até ás quatro horas da manhã, ganhando mais de 6 dollars para a caixa do partido sufragista.

Mrs. Silian Russel, de Massachusetts, propoz-se no mez de Agosto do ano passado a realizar a soma de cinco milhões de dollars, cedendo o marido; e não se tratava senão de um simples... sapateiro.

Essa boa Mrs. Russel teve uma inspiração extraordinaria. Com o fim de obter os fundos necessarios para uma existencia abastada, não só para si como tambem para os seus sete filhos, lembrou-se de fazer uma loteria a beneficio das mulheres americanas da qual o premio unico seria... seu marido.

Está claro que um rapido divorcio o deveria pôr á completa disposição da que apanhasse essa sorte grande. Na circula-

Coisas que eu li

As amenidades do matrimonio... nos Estados Unidos

A Baroneza Cecilia de Korwin,—filha do riquissimo negociante Otto Jung, de Chicago, e herdeira de trinta milhões de dollars,—declarou á Côte Supremie de Illinois que seu marido, o Barão de Korwin, ex-official austriaco e um irresistivel D. João, lhe custára para cima de 600.000 dollars.

Monta, com efeito, a esta cifra — informa-nos E. Mondini, no «Domenica del Corriere» — a soma que a Baroneza teve de dispendar para afastar desse homem fatal, que é seu marido, umas vinte e tantas adoradoras e, mais precisamente, nove novas, onze senhoras da sociedade e duas esposas morganaticas.

Os seiscentos mil dollars representam, pois um preço... de afeição! Não é, porém, a primeira vez q e uma es o

ricana exprime em dollars o custo do proprio marido.

Na cronica das excentricidades americanas encontram-se dados curiosos relativos ás flutuações nos valores, ou nos preços desse artigo.

Para a Sr. Catharina Blake, por exemplo, a afeição do marido valia cinco milhões.

Tal foi, com efeito, a soma que ella reclamou pelas vias legais á Sr. Catharina Duer Mackay, mulher de um magnate de Nova York, uma especie de «rei dos cabos telegraficos».

Mrs. Blake mulher de um cirurgião eminente, chamára aos tribunaes Mrs. Mackay, accusando a dita senhora de se ter «por meio de actos maliciosos, de «coquetterie e de seducção» apoderado da afeição do Dr. Blake, induzindo-o a separar-se da sua esposa legitima, que ficára assim privada da afeição do marido, do seu apoio moral, da sua protecção, da sua companhia e do conforto de que gozava no lar conjugal. Não era tudo ainda, pois que, em consequencia dos actos illicitos

BRAGA

ESTATUTOS

DA

COMPANHIA

DO

ILHEU DAS ROLAS

(Sociedade anonima de responsabilidade limitada)

SEDE EM BRAGA

Notario—Freire de Andrade

Para os devidos efeitos se faz publico que entre os srs. Domingos José Afonso, sua esposa D. Tereza de Jesus Araujo Afonso, Carlos Marques da Silva, João Feio das Neves Pereira, Antonio Maria Rodrigues, Rosalvo da Silva Almeida, Manoel Martins Cerqueira, Antonio José Silverio, Manoel dos Santos Pereira, Constantino José Esteves, todos d'esta cidade, José Antonio Gonçalves, da freguesia de Caldelas, comarca de Amares, Antonio Pedro d'Araujo, da cidade de Lisboa, e Antonio Pinto, residente no Ilhéu das Rôlas, freguesia de Santa Cruz dos Angolares, comarca de S. Tomé, Africa Ocidental Portuguesa, por escritura hoje lavrada no livro n.º 59-A, d'este cartorio, a fl.º 30 v., foram reduzidos á mesma os seguintes.

ESTATUTOS

DA

COMPANHIA DO ILHEU DAS ROLAS

(Sociedade anonima de responsabilidade limitada)

com SEDE EM BRAGA

Art. 1.º

Nos termos da lei e dos presentes estatutos é criada a «Companhia do Ilhéu das Rôlas», sociedade anonima de responsabilidade limitada, com sede em Braga.

Art. 2.º

O seu fim é a exploração agricola do Ilhéu das Rôlas, propriedade situada na dita freguesia de Santa Cruz dos Angolares, e Comarca de S. Tomé, Africa Ocidental Portuguesa, descrita na conservatoria respectiva sob o n.º 181, do livro B. 2, a fl.º 237 v.

Art. 3.º

Esta sociedade terá uma duração minima de 10 anos, e, quando obtinha auctorisação legal, esse prazo será indeterminado, mas nunca inferior a 30 anos.

Art. 4.º

O capital social é de 100 contos, dividido em mil acções de cem escudos. Destas acções, 11 foram subscritas e integralmente pagas a dinheiro pelos fundadores Carlos Marques da Silva, João Feio das Neves Pereira, Antonio Maria Rodrigues, Rosalvo da Silva Almeida, Manuel Martins Cerqueira, Antonio José Silverio, Manoel dos Santos Pereira, José Antonio Gonçalves, Constantino José Esteves, Antonio Pedro de Araujo e Antonio Pinto, á razão de 1 acção cada um; e as restantes noventa e oito acções, no montante de noventa e oito contos e novecentos escudos=98.900\$00= são representativas do valor do Ilhéu das Rôlas, já mencionado no art. 2.º; que os seus legítimos donos e possuidores—os fundadores Domingos José Afonso e esposa D. Tereza de Jesus Araujo Afonso—trazem para esta sociedade e nela põem em comum, com todos os seus moveis e semoveis existentes na referida propriedade, mediante a entrega das referidas 989 acções inteiramente liberadas, 495 das quaes ao fundador Domingos José Afonso, 494 á fundadora D. Tereza de Jesus Araujo Afonso.

Art. 5.º

As acções são nominativas ou ao portador, e reciprocamente convertíveis á vontade dos acionistas, por

dando haver titulos de 1, 5, 10, 20 e 50 acções.

Art. 6.º

A administração da Sociedade será exercida por um director gerente e 2 sub-gerentes, sendo um destes para a administração agricola da Sociedade, e o outro para a substituição, na sede, do director gerente nas suas faltas ou impedimentos.

§ unico: São desde já nomeados: para director gerente o acionista Domingos José Afonso, para sub-gerente em S. Thomé o acionista Antonio Pinto, e, na sede, o acionista Constantino José Esteves.

Art. 7.º

No exercicio do seu cargo o director gerente representará a sociedade em Juizo e fóra dele, activa e passivamente, gerindo todos os negocios pela forma que melhor entender, e podendo transigir, comprometer-se em arbitros, associar-se, com outras empresas ou entidades ou constituir sociedades, sem prejuizo da fiscalização do conselho fiscal. e das atribuições de soberania da assembleia geral.

§ unico—O director gerente, ou sub-gerentes em exercicio, poderão delegar em pessoas de sua confiança o desempenho dos actos das suas atribuições, que nos respectivos mandatos constarem.

Art. 8.º

O conselho fiscal compor-se-á de 3 acionistas, com as atribuições legais.

Art. 9.º

Fazem parte da assembleia geral todos os acionistas da sociedade, contanto que tenham as suas acções averbadas no registro—ou depositadas no cofre social—3 dias antes da reunião.

§ unico—A cada acionista se contará um voto por acção, até ao maximo legal.

Art. 10.º

Os acionistas, que não exerçam cargos sociais, poderão fazer-se representar nas assembleias gerais por outros acionistas, e para prova do mandato bastará uma simples carta assinada pelo mandante e dirigida ao mandatario.

Art. 11.º

A assembleia geral ordinaria considerará-se constituída desde que estejam presentes, ou representados, acionistas a quem pertença um terço do capital social, pelo menos: a assembleia geral extraordinaria considerará-se constituída desde que esteja representado metade do capital.

§ unico—Fica salvo o disposto no § 1.º do art. 131 do Cod. Com.

Art. 12.º

As cauções da gerencia e do conselho fiscal serão as que se determinarem em assembleia geral, á qual também compete, no fim de cada ano, fixar-lhes a respectiva retribuição.

Art. 13.º

O ano social é o ano economico. O primeiro exercicio, porém, ou antes, os efeitos sociais, terão o seu inicio em 1 de Julho de 1922. O escritorio social será, provisoriamente, na Rua Miguel Bombarda, desta cidade.

Art. 14.º

As eleições para os diferentes cargos sociais far-se-ão de 3 em 3

anos. Os acionistas eleitos podem ser reeleitos uma e mais vezes.

Art. 15.º

Em tudo o que fôr omissio regula a legislação applicavel.

Art. 16.º (transitorio)

A assembleia geral reunir-se-á dentro dos primeiros 8 dias immediatos á constituição da sociedade, para a eleição da mesa e do conselho fiscal.

Taes são os estatutos da dita «Companhia do Ilhéu das Rôlas» que reduzem á presente escritura publica para os devidos e legais efeitos.

Foram-me apresentados e ficam arquivados neste cartorio, para se transcreverem nos traslados e certidões desta escritura, os seguintes documentos:

a) — a guia que prova achar-se feito o deposito da importancia correspondente a 10.º do capital social, ontem feito na Caixa Geral dos Depósitos sob a apresentação n.º 1.

b) — a certidão passada em 15 de Outubro do corrente ano, que mostra não haver esta sociedade adoptado a denominação identica á de outra existente ou por tal forma semelhante que possa induzir em erro;

c) — e o documento que prova ter sido entregue na Caixa Geral dos Depósitos, para credito da provincia de S. Tomé e Príncipe a quantia de 88\$00, proveniente da liquidação provisoria da respectiva contribuição de registro por titulo oneroso, nos termos da lei.

Braga, 31 de Dezembro de 1921

O notario ajudante

Eduardo de Jesus Mendes Florido.

Anuncio

Comarca de Fafe

(2.ª publicação)

PELO Juizo de Direito da comarca de Fafe e cartorio do 4.º officio correm seus termos uns autos de acção civil ordinaria em que é autor José Pereira, que também usa o nome de José Pereira Ramos, solteiro, maior, chapeleiro, do logar do Carvalho, freguezia de Vinhoz, desta comarca, a quem foi concedido o beneficio da Assistencia Judiciaria, e reus Antonio Ferreira Ramos e mulher, cujo nome e sobrenome se ignora, auzentes em parte incerta do Brazil. Manuel Ferreira Ramos e mulher Joaquina da Cunha, do logar do Assento, e Miquelina Ferreira Ramos, do logar do Campo, todos estes da referida freguezia de Vinhoz, na qual o autor alega que sua mãe Maria Pereira entrou como creáda para casa do pai dos reus, Bernardino Ferreira Ramos, morador, que foi, no logar do Assento, da dita freguezia de Vinhoz, e ahi teve relações carnaes com este, vindo a sair de casa dele grávida e em consequencia dessa gravidez dando á luz o autor: Que, quando se começou a manifestar a gravidez, logo o publico começou a atribuir o facto ao referido Bernardino Ferreira Ramos:

Que a mesma mãe do autor quando entrou para a casa dos paes dos reus era mulher honesta e bem comportada, não constando que depois tivesse relações carnaes com qualquer outro homem:

Que o mesmo Bernardino Ferreira Ramos fi-

cou a considerar o autor como seu filho e como tal o ficou a tratar, e a familia do mesmo Bernardino Ferreira Ramos considerava-o também como filho dele e como tal o tratava: Que o publico sempre tratou e reputou o autor como filho do mesmo Bernardino Ferreira Ramos: Que este, no auxilio que durante a sua vida prestou ao autor, demonstrou auxiliá-lo como filho, notando-se a recomendação para um irmão dele Bernardino Ferreira Ramos, estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, da Republica do Brazil, quando o mesmo autor se dirigiu áquella cidade á procura de fortuna, porque lh'o recomendou como filho:

Que, quando o autor voltou d'aquelle paiz, o referido Bernardino Ferreira Ramos foi-o visitar como seu filho, mostrando o contentamento que se tem pela volta d'uma pessoa de paiz longinquo: Que tanto o mesmo Bernardino Ferreira Ramos como o publico tratava e reputava o autor por filho do mesmo Bernardino Ferreira Ramos, a quem o autor pedia a benção como pai e ele lh'a dava como a filho: e conclue por pedir que o autor seja julgado filho ilegitimo d'aquelle Bernardino Ferreira Ramos para o efeito de ter parte na herança por ele deixada, segundo a lei, condenando-se os reus nas custas e procuradoria. E, d'harmonia com a lei, correm éditos de TRINTA DIAS, que se começam a contar depois da segunda publicação deste anuncio no Diario do Governo, citando os referidos reus Antonio Ferreira Ramos e mulher para na segunda audiencia d'este juizo depois de findo o praso dos éditos, ver accusar a sua citação e marcar-se-lhes o praso de tres audiencias para contestarem, querendo, a referida acção.

As audiencias n'este juizo fazem-se em todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo feriados ou dias compreendidos em férias, e sempre por 10 horas, no respectivo tribunal, sito á Avenida Cinco d'Outubro, d'esta vila de Fafe.

Fafe, 13 de Janeiro de 1922.

O escrivão

Albino Leite da Silva

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Peixoto de Magalhães.

Selos para coleções

Pagam-se muito bem selos antigos de Portugal, D. Maria II, D. Pedro V, Antonio, etc, sendo perfeitos

A. Simões Ferreira

Rua da Cadofeita, 170 a 174 — PORTO

DR. ALBERTO CRUZ

Sifilis e vias urinaes

CIRURGIA GERAL

das 12 ás 15

AVENIDA DA LIBERDADE, 4

BRAGA

CASA ANDRADE

FAFE

Completo sortido em fazendas de lã para homem e senhora
Fazendas brancas e miudezas
Grande variedade em gravatas, meias, peugas e outros artigos.

Estabelecimento de Merceria

DE
ANTONIO JOAQUIM FERREIRAS BARROS
(O JARDINEIRO)

N'este estabelecimento encontrará o publico um variado sortido de generos de primeira qualidade, que vende por junto e a retalho e por preços em competencia.

Augusto Francisco da Cunha

Agente Geral no Norte do Paiz

Fabrica d'Alumina e Sulfato de Sódio
Telha tipo ALTKIRCH Telha tipo MARSELHA

Tijolos massiços, prensados, furados e diversas tijolarias
Preço das fabricas sob vagão em Campanhã

Escritorio
138—Rua 31 de Janeiro—140
PORTO

Telefone, 1630

Enxofre em pedra

AMERICANO

FREEPORT SULPHUR CO.—TEXAS

Ao melhor preço do mercado, Agencia da

Companhia União Fabril—(LISBOA)

na Moesinha da Silveira, 257 — PORTO

Banco Nacional Ultramarino

FUNDADO EM 1864

PITAL, Esc. 24.000.000\$000 — FUNDO DE RESERVA, Esc. 24.000.000\$000
Banco Emissor para as Colonias—Sede em Lisboa

Agencias em Portugal: Aveiro, Barcellos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Covilhã, Évora, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Lamego, Leiria, Lisboa, Ovar, Penafiel, Portimão, Porto, Santarém, Setúbal, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Nova de Portimão, Vila Rica e Viseu.

Ilhas adjacentes: Madeira, Funchal, S. Miguel (Açores), Ponta Delgada.

Filial no estrangeiro: Londres, Paris e Nova York.

No Brasil: Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Santa F. de Guarani, Camp. Mauá, Parahyba do Norte.

Recomenda-se as Agencias deste Banco no Brasil para se fazerem sobre qualquer localidade de Portugal.

Correspondentes: Nas principais localidades do Paiz, ilhas adjacentes e todas as cidades do mundo.

Operações: Saques em todos os generos no Continente com as Colonias, ilhas adjacentes, Brazil e todas as partes do mundo.

Empreza e 99 de Seguro sobre o transporte de mercaderias, navios, etc. Operações de bolsa.

Depositos e 99 de poupança e de capitalização de rendimentos.



Estê Hotel tem serviço de lista e mesa redonda por preço muito modicos. Especialidade em vinhos verdes. Aceitam-se comensaes. Visitem esta casa e verão se é ou não verdade o que acima se diz.

TELEFONE n.º 45

Aos snrs. ecclesiasticos

Fazenda preta em estambres e de penteada, para capas e batinas e fatos.

Pedir amostras a

MANUEL FINO BEJA—

COVILHA

Fabricante de lanifícios, com grande sortido de fazendas para homens, senhoras e creanças.

E' a casa que vende mais barato no paiz.

CONFIRMEM OS PREÇOS.

Todas as despesas de transporte por conta da casa.

Fundação de Rebelo da Silva

Avenida da Liberdade,

(Portão de Ferro) 207

E' a mais antiga da península, a que goza de melhores creditos em todo o norte do paiz.

Tem á venda um carrilhão de 15 nos.

(2)

Óleos de Lubrificação, B B

A preços rebaixados

VENDEM

Amadeu Oliveira & C.º

BRAGA